



RESENHA

GOODALL, D.; HATLEY, S.; ISAACSON, H.; RAMAN, S. (Eds.). *Saivism and the Tantric traditions: essays in honour of Alexis G.J.S. Sanderson*. Leiden: Brill, 2020. ISBN impresso: 9789004432666. ISBN e-book: 9789004432802. 598 pp.

*Pamela Siegel\**

Sanderson é um indólogo britânico que possui uma longa carreira dedicada ao estudo da religião do período medieval inicial na Índia e no sudeste asiático, com foco na história do shaivismo, sua relação com o Estado e suas influências sobre o budismo e vaishnavismo (All Souls College, 2012). Na década de 1970, ele passou seis anos na Cachemira estudando com o estudioso e guru shivaísta Swami Lakshman Joo (1907-1991).

A obra *Saivism and the Tantric Traditions: Essays in Honour of Alexis G. J. S. Sanderson* contém 23 capítulos, distribuídos em cinco partes, e é fruto de um simpósio ocorrido na universidade de Toronto em 2015 com o intuito de celebrar a aposentadoria de Sanderson do cargo de Spalding Professor of Eastern Religions and Ethics at All Souls College da universidade de Oxford. Os autores que contribuíram com esse livro foram quase todos doutorandos de Sanderson ou discutiram edições críticas de textos específicos sob sua supervisão. Antes da Introdução, o livro apresenta uma extensa bibliografia de Sanderson, que cobre o período entre os anos 1983 a 2019.

Na Parte I, que trata do shaivismo primordial, há três artigos. O primeiro, de autoria de Peter Bisschop, leva o título de *From Mantramarga back to Atimarga: Atimarga as a Self-referential Term*. Trata de divisão do shivaísmo em *Atimarga*, que se refere ao caminho ascético relacionado aos *Pasupatas* e *Lakulas*, e *Mantramarga*, associado a um caminho tântrico “superior”, com algumas subdivisões. Bisschop assinala que essa divisão representa a perspectiva a partir do *Mantramarga*, e aí menciona um texto em que o termo é usado com a conotação de *Atimarga*, em que a passagem ocorre num centro de cremação em Varanasi, e está relacionada a ensinamentos de Bhairava. O capítulo dois trata dos portadores de caveiras e tem como título: *Why are the Skull-Bearers (Kapalikas) Called Soma?* Segundo a autora, Judit Törzsök, os Kapalikas pré-tânicos eram conhecidos como “as pessoas soma”. O capítulo explora o que essa denominação poderia haver significado de acordo com o contexto cultural, oferecendo várias possibilidades e sem chegar a uma conclusão. No capítulo três, Dominic Goodall tenta definir o significado do termo *vrata*: *Dressing for Power: on vrata, carya, and vidyavrata in the*

---

\* Membro Gestor do LAPACIS-UNICAMP. Doutora em Saúde Coletiva (UNICAMP). ORCID: 0000-0003-3276-1309 - contato: [pam@mpcnet.com.br](mailto:pam@mpcnet.com.br)

*Early Mantramarga, and on the Structure of the Guhyasutra of the Nisvasatattvasamhita.* Discute-se se o sentido do termo seria o de voto religioso ou o de uma observância religiosa programada, principalmente nos sutras de *Nisvasatattvasamhita*. Outros termos também são analisados.

A Parte II abrange as tradições exegéticas e filosóficas, e contém cinco capítulos. Alex Watson, no capítulo quatro, intitulado *Further Thoughts on Ramakantha's Relationship to Earlier Positions in the Buddhist-Brahmanical Atman Debate*, discute a teoria de Bhatta Ramakantha II, o mais influente exegeta da escola Shaiva Siddhanta, que existiu aproximadamente entre os anos 950 e 1000. A teoria de Ramakantha é contrastada com outras escolas e interlocutores. O capítulo cinco, de autoria de Isabelle Ratié, leva o título de *Some Hitherto Unknown Fragments of Utpaladeva's Vivrti (II): Against the Existence of External Objects*. O texto lida com fragmentos do Vivrti nos versos 1.5.6-9, em que Utpaladeva defende que o simples ato de produzir mentalmente o conceito de um objeto externo é impossível de realizar, porque um objeto por natureza alheio à consciência é simplesmente impensável. *Alchemical Metaphors for Spiritual Transformation in Abhinavagupta's Isvarapratyabhijñavimarsini and Isvarapratyabhijñavivrtivimarsini* é o título do capítulo seis, de autoria de Christopher D. Wallis. Nesse capítulo, o autor analisa uma metáfora alquímica de transformação espiritual presente nos dois comentários de Abhinavagupta sobre o Isvarapratyabhijñakarika, com o uso inovador dos termos *turya*, *turyatita* e *prana*, entre outros. Péter-Dániel Szántó é o autor do capítulo sete, intitulado *On Vagisvarakirti's Influence in Kashmir and Among the Khmer*. Trata do papel do erudito budista Vagisvarakirti, mencionado numa inscrição do século XI do Khmer. O seguinte capítulo, o oitavo, é assinado por Srilata Raman, cujo título é *Reflections on the King of Ascetics (Yatiraja): Ramanuja in the Devotional Poetry of Vedanta Desika*. Analisa dois poemas devocionais, um em tâmil e o outro em sânscrito, dedicados a Ramanuja. Para o autor, a poesia devocional composta pelos *alvars* na época e posteriormente pelos *acaryas* tardios é fundamental para a evolução da doutrina srivaishnava.

A Parte III tem como temas a religião, o Estado e a história social da Índia pré-moderna. O capítulo nove, de autoria de Csaba Dezső, é intitulado *Not to Worry, Vasistha Will Sort it Out: The Role of the Purohita in the Raghuvamsa*. Esse ensaio examina as várias tarefas que Vasistha cumpre no *Raghuvamsa* como o capelão real dos reis dos *Suryavamsa*, desde officiar cerimônias até defender o rei e seu exército com a ajuda dos mantras "atharvavédicos". No capítulo 10, escrito por Gergely Hidas e intitulado *Buddhism, Kingship and the Protection of the State: The Suvarnaprabhasottamasutra and Dharani Literature*, o foco é sobre o núcleo ritual do Suvarnaprabhasottamasutra, que representa uma proteção do Estado como um ato de benefício mútuo entre a *sangha* budista e o monarca. O capítulo 11, de Nina Mirnig, que leva o título de *Adapting Saiva Tantric Initiation for Exoteric Circles: Lokadharmini Diksa and Its History in Early Medieval Sources*, investiga a história do termo *lokadharmini diksa*, um dos tipos de iniciação tântrica shaiva. O capítulo 12, escrito por John Nemeč e intitulado *Innovation and Social Change in the Vale of Kashmir, circa 900–1250 C.E.*, se propõe a discutir a forma em que a natureza social e a mudança religiosa são negociadas em alguns textos de autores shaiva do vale de Cachemira. Bihani Sarkar é o autor do capítulo 13, intitulado *Toward a history of the Navaratra, the autumnal festival of the Goddess*. O texto traz

uma análise cronológica do desenvolvimento do Navaratra, o festival de nove noites dedicado à deusa, e dividido em quatro fases.

A Parte IV trata de mantra, ritual e *yoga*. No capítulo 14, *Sarika's Mantra*, Jürgen Hanneder aborda a deidade tântrica Sarika, venerada na forma de uma rocha no pico Sarika ou Pradyumna em Srinagar. O autor examina textos rituais que descrevem a iconografia e a homenagem a essa deusa, incluindo seu mantra. *The Kamasiddhistuti of King Vatsaraja* é o título do capítulo 15, de autoria de Diwakar Acharya. O texto trata da obra inédita Kamasiddhistuti, atribuída ao Maharajadhiraja Vidyadharacakravartin Vatsaraja, que provavelmente foi o rei Vatsaraja da dinastia Gurjara-Pratihara (aprox. 775–805 EC). A referida obra é um guia mental de veneração à deusa Nitya Sundari, de quem o poeta é devoto. Shaman Hatley assina o capítulo 16, intitulado *The Lotus Garland (padmamala) and Cord of Power (saktitantu): The Brahmamayamala's Integration of Inner and Outer Ritual*, que explora a relação entre o ritual e o *yoga* no volumoso texto tântrico Brahmamayamala, cuja importância na história shaiva foi identificada primeiramente pelo professor Sanderson, em 1988. O capítulo 17 leva o título de *The Amrtasiddhi: Hathayoga's Tantric Buddhist Source Text* e é de autoria de James Mallinson. Trata do ainda inédito Amrtasiddhi, proveniente do século XI, o texto mais antigo a ensinar os princípios e as práticas que depois vieram a ser chamados de *hatha yoga*, ensinados nos manuais vaishnava e shaivas tardios, tais como o Dattatreya-yogasastra e o Hathapradipika. O título do capítulo 18 é *A Sexual Ritual with Maya in Matsyendrasambhita 40*. Nesse ensaio, a autora Csaba Kiss analisa o Matsyendrasambhita, um texto do século XIII, no que tange a um ritual sexual particular no capítulo 40, e suas ambiguidades. O referido capítulo recomenda que o *yogi* tenha relações sexuais com *yoginis* e evite mulheres *pasavi* (não iniciadas?), enquanto que a maior parte do texto é dedicada a um ritual com Maya, uma figura ambígua. O capítulo 19, intitulado *Hathayoga's Floruit on the Eve of Colonialism*, é de autoria de Jason Birch e tem como objetivo examinar as fontes textuais sobre hatha yoga compostos entre os séculos XVI e XVIII.

A Parte V é dedicada à arte e à arquitetura. Libbie Mills, autora do capítulo 20, intitulado *The Early Saiva Matha: Form and Function*, tenta desvendar os aspectos práticos da vida dentro da *matha*, espécie de monastério, analisando a estrutura física das construções. No capítulo 21, intitulado *The Kriyasamgrahapañjika of Kuladatta and its Parallels in the Saiva Pratisthatantras*, o autor de Ryugen Tanemura traça paralelos entre certos rituais de consagração e de funerais no budismo tântrico e nos modelos shaivas. As seções relevantes tratam do tópico de como identificar e remover substâncias estranhas (*salya*) do subsolo durante os rituais, com o intuito de evitar as calamidades que elas poderiam causar. *Mañjusri as Adibuddha: The Identity of an Eight-armed Form of Mañjusri Found in Early Western Himalayan Buddhist Art in the Light of Three Namasamgiti-related Texts* é o título do capítulo 22, de autoria de Anthony Tribe. O texto examina a identidade de uma figura de Mañjusri, ilustrada com oito braços, e encontrada na arte budista dos Himalaias, entre os séculos XI e XIII. O último capítulo, escrito por Parul Dave-Mukherji e intitulado *Life and Afterlife of Sadrsya: Revisiting the Citrasutra through the Nationalism-Naturalism Debate in Indian Art History*, aborda o Citrasutra, uma seção seminal da obra Visnudharmottarapurana, que discute perspectivas interpretativas da cultura política na historiografia da arte tradicional indiana.

Segundo Sanderson (2009), a dominação do shaivismo ocorreu entre os séculos V e XIII, quando houve certo declínio das cerimônias religiosas *srauta* (relativo a *sruti*, védico) de parte dos governantes indianos, muito embora os reis não abandonassem por completo a tradição bramânica, mantendo as castas e disciplinas. Pelo contrário, havia uma imposição real, o que remete, segundo o autor, a uma definição não geográfica do território propício para os ritos bramânicos como sendo aquele em que o rei estabelecia as quatro castas e impunha sobre o resto da população o status de intocáveis. Dessa maneira, os primeiros séculos deste período medieval indiano são marcados pela expansão do bramanismo.

No entanto, enquanto os reis mantinham um papel oficial de salvaguardar o bramanismo, no âmbito religioso pessoal eles se dedicavam ao budismo, jainismo ou à devoção a Shiva, sendo esta última a alternativa devocional mais frequentemente adotada. Do século VI em diante, os reinos Khmer, Cham da Indochina e os reinos de Java e Bali estavam entre aqueles dedicados à adoração desse deus, e, outras tradições, que se esforçavam para alcançar certa visibilidade, foram colonizadas por essa influência.

Houve uma incorporação do shaktismo com a adoração progressiva da deusa. As formas da deusa eram vistas como expressões do poder divino (*shakti*) de Shiva. Algumas das deidades veneradas eram Kali, Para, Canda Kapalini, bem como as quatro deusas Jaya, Vijaya, Jayanti/Ajita e Aparajita, irmãs do deus Tumburu, homenageado como um aspecto de Shiva.

Enfim, a obra é muito importante para estudiosos das tradições shivaísta, tântrica, kaula, e para se familiarizar com personagens como Abhinavagupta (aprox. 950-1016 EC), grande expoente e místico destas tradições, além de ir conhecendo o que a região da Cachemira produziu culturalmente neste período. Outrossim, o *yoga* foi fortemente influenciado pelas tradições tântricas, daí que é importante, também, para os estudiosos desta prática.

## Referências

ALL SOULS COLLEGE. University of Oxford, United Kingdom. 2012. Disponível em: <<https://web.archive.org/web/20120923095507/http://www.all-souls.ox.ac.uk/people.php?personid=58>>. Acesso em 6 ago. 2020.

SANDERSON, Alexis. The Saiva Age, The Rise and Dominance of Saivism During the Early Medieval Period. In: EINŌO, Shingo. (Ed.) Genesis and Development of Tantrism. Tokyo: Institute of Oriental Culture, University of Tokyo, 2009, pp. 41-45.

Recebido: 7 de agosto de 2020.

Aprovado: 15 de agosto de 2020.